

Fatores que Afetam a Saúde Docente: Estudo Introductório em uma Escola de Educação Básica de São Paulo

Factors Affecting the Teacher's Health: Introductory Study at a Basic Education School in São Paulo

Leandro Ferreira Melo^{a*}; Julia Bernardo^a; Tatiane Clair Silva^a; Denise De Micheli^a

^aUniversidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação e Saúde na Infância e Adolescência. SP, Brasil.

*E-mail: melo.leo75@gmail.com

Resumo

A pesquisa buscou compreender quais fatores interferem na rotina escolar e na saúde docente. Fizeram parte do estudo 30 professores do E.F II e Médio de uma escola pública de São Paulo. Tinha-se como hipótese que a rotina escolar é afetada não apenas por fatores intrínsecos a esta, mas também por fatores externos. Para alcançar os objetivos propostos, foi estruturado um questionário, a partir de elementos extraídos de pesquisas que abordaram a mesma problemática. Os resultados demonstraram que as principais questões citadas (em nível de frequências) pelos docentes se referiam à falta de políticas públicas para o magistério, como as de valorização do trabalho dos professores. Ficou evidenciado, ainda, que os fatores citados mais frequentemente pelos docentes contribuem para o descontentamento em relação às suas carreiras, interferindo de maneira significativa na rotina escolar e, possivelmente, no adoecimento mental dos mesmos.

Palavras-chave: Saúde Docente. Adoecimento Docente. Rotina Escolar. Políticas Educacionais. Baixos Salários.

Abstract

The public school, its routine and its subjects have been the targets of innumerable investigations, in order to understand the complex immersed relationships in their daily lives. One of the widely discussed topics is about school routine and its implications for the teacher's health. The present research was developed from this approach. It was therefore, sought to understand, which factors interfere in the school routine and teacher's health. Thirty teachers were included in this study of Elementary School and High School of a public school in São Paulo. It was hypothesized that the school routine is affected not only by factors intrinsic to it, but also by external factors. To reach the proposal goals, a questionnaire was structured, based on elements extracted from research that approached the same problem. The results showed that the main mentioned questions (in frequency level) by teachers referred to the lack of public policies for the teaching, such as valuing teachers' work. It was also evidenced that the factors most frequently mentioned by the teachers contribute to the discontent in relation to their careers, interfering in a significant way in the school routine and possibly in the mental illness of the same ones.

Keywords: Teachers' Health. Teachers' illness. School Routine. Educational Policies. Low salary.

1 Introdução

A estrutura da escola, seu cotidiano e os fenômenos, que ali ocorrem, têm sido temas de inúmeros estudos. Uma das questões abordadas é sobre a influência deste sistema na saúde física e mental docente, desencadeando uma queda em seus desempenhos acadêmicos. Há pesquisas que se prendem a uma área do conhecimento ou até mesmo a uma disciplina, ficando, desse modo, delimitadas a certos campos do saber, não conseguindo explicar, de forma holística, os fenômenos referentes à saúde docente. Em pesquisas sobre a rotina e sujeitos escolares, há a necessidade do desenvolvimento de estudos interdisciplinares, que busquem analisar, como apontou Laville (1999, p.41), as “multicausalidades e os encadeamentos de fatores de natureza e peso variáveis que se conjugam e interagem”, para ser possível “determinar os múltiplos fatores da situação pesquisada, compreender sua complexidade e explicá-los”, e, assim, “contribuir para aumentar a soma dos saberes disponíveis”, fundamentados cientificamente, e que se possa desenvolver a tríade que

caracteriza as pesquisas interdisciplinares: “compreender, explicar e prever”.

Nesta pesquisa se entende por rotina escolar o ambiente pedagógico de interações (dialética) entre os profissionais da educação e os estudantes. Ambiente de desenvolvimento da aprendizagem discente e desenvolvimento do trabalho docente que, de acordo com Dejours (1993), pode vir a apresentar um duplo caráter, por um lado é fonte de realização, de satisfação, de prazer, estruturando e conformando o processo de identidades dos sujeitos e, por outro, pode também se transformar em elemento patogênico, tornando-se nocivo à saúde, principalmente, para a saúde mental.

Os pesquisadores que se empenham em estudar esta temática, em específico a rotina das instituições de ensino, apontam que há inúmeros fatores que podem desencadear o “mal-estar” na saúde mental docente. Tais pesquisas demonstram, ainda, que um dos principais fatores citados pelos professores, em relação às condições que afetam a saúde é a sobrecarga de trabalho e a multiplicidade de tarefas

(inclusive, aquelas que não fazem parte de suas atribuições) como contribuições diretas para seu esgotamento físico e adoecimento mental.

É intenso o discurso de que o exercício da docência (ensino) não deveria ser tão árduo, cujos objetivos se sentidos, ao menos idealmente, poderiam ser outros. Como apontou Mendes (2007), um dos sentidos do trabalho é o prazer. Este prazer emerge quando o trabalho cria identidade, e esta identidade permite que o trabalhador se torne sujeito da ação, criando estratégias, e com estas se possa dominar o trabalho e não ser dominado por este. Porém, o que acontece nas escolas, pelo que se tem observado em determinadas pesquisas, como Patto (2007); Noronha, Assunção e Oliveira (2008); Lima e Lima-Filho (2009); Libâneo (2012); Brito et al. (2014) é o inverso deste princípio.

As questões que afetam diretamente a instituição escolar e, conseqüentemente, os docentes, principais sujeitos do processo educativo, são reflexo das mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo. É possível perceber que muitos dos problemas enfrentados nas escolas, pelos docentes, são de origens extraescolares, como falta efetiva de políticas públicas (LIBÂNEO, 2012).

A rotina escolar, por sua vez, com sua estrutura organizativa, prioridades e andamentos cotidianos, é diretamente afetada pelas prioridades da presente sociedade capitalista, que valoriza o ter em detrimento do ser, a aparência em vez da essência (LIBÂNEO & OLIVEIRA, 1998). A partir dos princípios neoliberais, principalmente, da visão mercadológica da educação, que reduz o processo educativo ao utilitarismo tecnicista. Valoriza-se o acúmulo de informação, ao invés do desenvolvimento de conhecimentos reflexivos, que culminem na “emancipação” crítica do ser. Assim, tem-se a impressão que este tipo de educação está a serviço do sistema de produção de princípios capitalistas (GENTILI; SILVA, 1994), pois contribui para o tolhimento do sentido emancipatório que deveria ter, e para o surgimento, a reprodução e o fortalecimento das tensões e pressões presentes no ofício docente (ARROYO, 2000).

A opressão se torna cada vez mais intensa, de forma a não possibilitar que os docentes reflitam e tomem consciência do assujeitamento ao qual estão “condicionados” (FREIRE, 1996), não percebendo como este contexto pode afetar a saúde mental de cada um. Assim, vê-se o processo crescente de pauperização da identidade educacional, da identidade docente e, conseqüentemente, a qualidade da identidade formativa discente (PATTO, 2007).

O professor se torna refém da estrutura cotidiana. Rotina de pressão e opressão que influencia, diretamente, o desempenho e, conseqüentemente, o dos alunos. Infelizmente, a rotina escolar tem contribuído diretamente para o surgimento/

fortalecimento de problemas na saúde mental dos docentes. À vista disso, o objetivo desta pesquisa foi de compreender, a partir da visão docente, os fatores que afetam diretamente a rotina escolar e, conseqüentemente, a saúde dos mesmos.

2 Material e Método

A pesquisa foi realizada em uma escola pública da periferia de São Paulo¹, no primeiro semestre de 2016, no qual foi possível verificar que a mesma possuía alto índice de reclamações dos professores – registradas em atas, em reuniões pedagógicas de planejamentos, replanejamentos – sobre situações extraescolares e escolares, que afetam a rotina escolar e também a saúde dos docentes. Também pelas reclamações dos coordenadores sobre as altas taxas de licenças médicas e absenteísmos no contexto da escola pesquisada.

A escola está localizada na região periférica da grande São Paulo, município de Suzano. Esta se caracteriza por acolher alunos com baixo capital socioeconômico, sendo alunos advindos de famílias de baixa renda (SOU DA PAZ, 2010). De acordo com o Instituto Sou da Paz, um dos principais aspectos da região na qual está localizada a escola é a criminalidade: violências, discriminações, pontos de venda e uso de drogas. Estes fatores estão materializados nos meios de convivência dos jovens e muitos vivenciam diariamente esta cultura. A escola, na época da pesquisa, atendia em seus três períodos cerca de 1350 alunos, e tinha cerca de 80 professores. Demais funcionários somavam cerca de 30.

Fizeram parte do estudo 30 professores, sendo 8 do Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos) e 12 do Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª séries) e 10 de ambas as modalidades. Estas eram as únicas modalidades que a escola oferecia.

Para alcançar os objetivos propostos, foi estruturado um questionário sobre as principais questões que têm afetado a saúde docente, a partir de elementos extraídos de pesquisas que abordavam esta problemática. O questionário foi composto de uma lista de 31 fatores, acompanhados por quatro descritores de intensidades: Nula, Baixa, Alta, Altíssima.

Foram convidados a participar da pesquisa todos os professores que participavam das Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC). As ATPC são reuniões semanais as quais os professores, que têm aulas atribuídas, devem participar (um professor com dez aulas atribuídas precisa fazer duas ATPC semanalmente, a partir de 28 aulas atribuídas, os professores precisam cumprir 3 ATPC). Estas “deverão ser utilizadas para reuniões e outras atividades pedagógicas e de estudo, de caráter coletivo, organizadas pelo estabelecimento de ensino, bem como para atendimento a pais de alunos” (SÃO PAULO, 2014, p.17).

Dos 41 docentes, 30 aceitaram e responderam o questionário, que foi entregue e aplicado em duas reuniões

¹ Um dos autores desta pesquisa trabalhava como docente na escola em que foi desenvolvido o levantamento de dados, sendo dessa forma que teve possibilidade de consultar documentos oficiais, como atas de reuniões pedagógicas, de ter a oportunidade de participar de reuniões pedagógicas e conversar com os coordenadores e professores da mesma escola.

durante o primeiro semestre do ano de 2016, em duas ATPC na sala da coordenação pedagógica. Os professores, que não participaram do preenchimento do questionário, não estavam presentes nos dias que o mesmo foi aplicado, mais da metade por estarem afastados em virtude de licenças médicas.

O questionário foi aplicado e recolhido pelos coordenadores da escola, um dos pesquisadores acompanhou sem interferir na aplicação, no preenchimento e no recolhimento dos mesmos.

Para a análise dos resultados, os dados foram tabulados, em planilhas do Excel, e calculada a frequência das respostas em relação à intensidade dos fatores propostos no questionário.

A presente pesquisa foi provada e está registrada no Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética da UNIFESP, sob o número: 1.777.163².

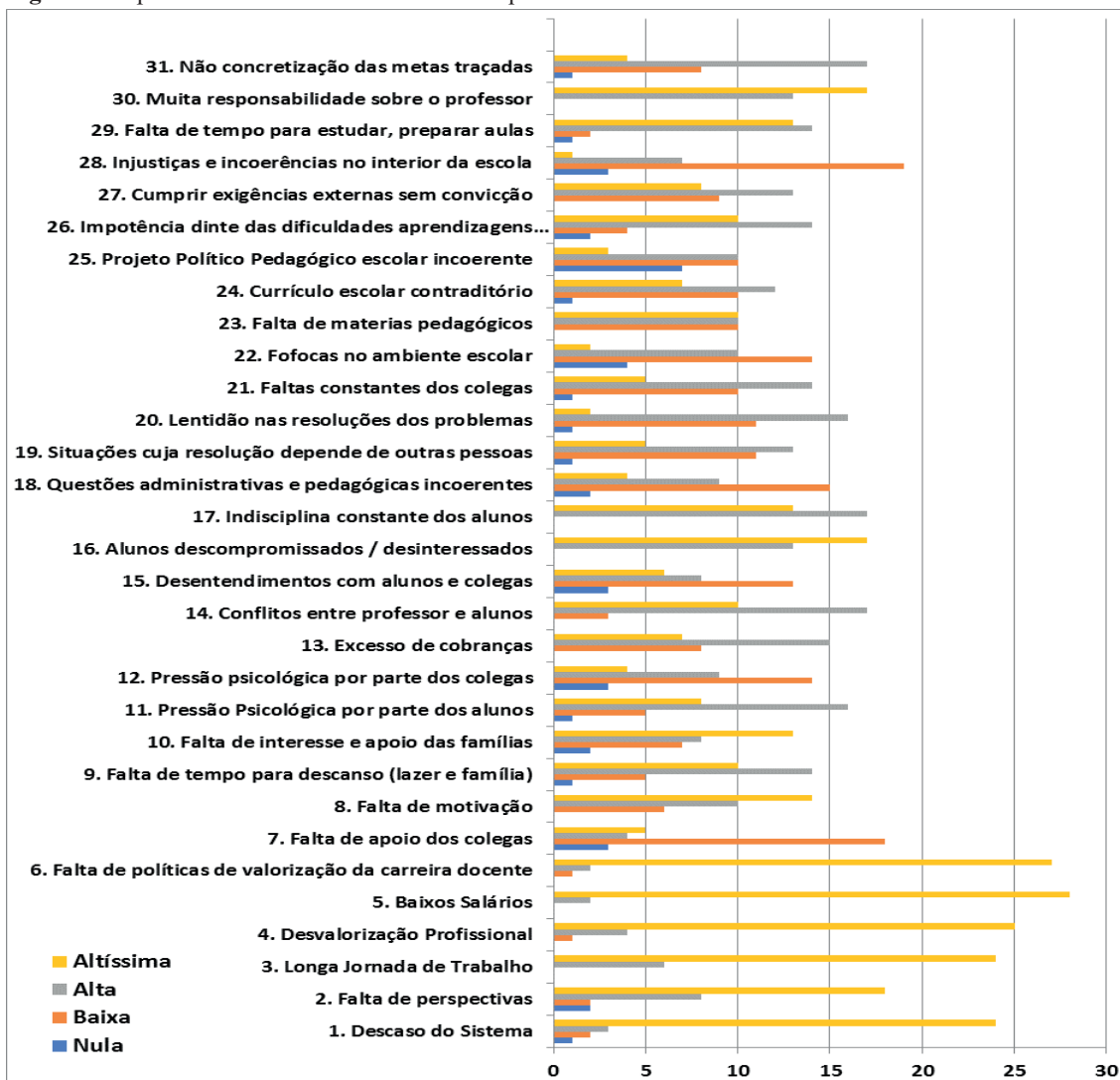
3 Resultados e Discussão

Os resultados alcançados a partir do levantamento de dados foram organizados em um gráfico com vistas a facilitar,

enquanto recurso didático, a visualização dos mesmos.

O gráfico da Figura 1 expõe as respostas encontradas em relação à visão dos professores sobre os principais aspectos, que afetam a rotina escolar, em graus de intensidade. Nesse gráfico é possível, de imediato, verificar quais são as problemáticas mais evidenciadas que afetam de forma “altíssima” (negativamente) a rotina escolar, segundo a visão dos professores. Do item 1 ao item 6 são pontos que se enquadram nas questões sobre carreira docente. O item 16, que também recebeu alta frequência de respostas, diz respeito às questões sobre a relação dos alunos com o aprendizado. Os itens 29 e 30 se enquadram em questões sobre a vida funcional do professor. Estes foram citados, de forma mais intensa, ou seja, mais de 50% dos participantes destacaram estes itens como aqueles que afetam negativamente a rotina escolar; como aqueles que contribuem para o desenvolvimento de problemas para o desenvolvimento pedagógico e para a saúde docente.

Figura 1 - Apontamentos docentes sobre fatores que afetam a rotina escolar e a saúde docente



Fonte: Dados da pesquisa. .

2 Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp.

Entretanto, observa-se que as respostas mais frequentes estão relacionadas às políticas públicas educacionais de valorização da carreira docente, como, por exemplo: “descaso do sistema”; “falta de perspectivas”; “longa jornada de trabalho”; “desvalorização profissional”; “baixos salários” e a “falta de políticas de valorização da carreira docente”, exposto nas respostas de 27 dos 30 participantes. Dentre estas, a questão mais impactante diz respeito aos “baixos salários”. Quase a totalidade dos professores a apontou como um aspecto que afeta, diretamente, a rotina escolar e, conseqüentemente, a saúde docente.

Os itens referentes às questões sobre “vida funcional dos docentes” expõem um problema grave para a prática docente, ou seja, aquilo que está descrito no item 29: falta de tempo para estudar, preparar aulas. De acordo com professores, este fator é intensificado, principalmente, pela extensa carga horária de trabalho, como apontado no item 3 (“longa jornada de trabalho”). Soma-se a isto o excesso de responsabilidades e exigências aos professores (item 30, um dos com maior frequência).

Os docentes, que participaram da pesquisa, relataram que estes fatores engessam, dificultam e até os impossibilitam de pensar, de refletir, de planejar e de replanejar suas práticas, fatos que deveriam ser naturais ao longo do exercício do magistério. Assim, basicamente atuam no “automático”.

Tais achados corroboram com outras pesquisas na área, as quais elucidam a questão do acúmulo de funções e falta de tempo. Dalagasperina e Monteiro (2014) apontaram que fatores como estes são, ainda, preditores da síndrome de Burnout, pois na medida em que assumem tarefas que não fazem parte da profissão, isto contribui para que os professores se sintam desrespeitados e desestimulados (como a alta frequência de citação entre alta e altíssima no item 8, “falta de motivação”).

De acordo com Dejours (1992), mesmo diante de todos os problemas enfrentados na escola, há aqueles que agem como se nada estivesse acontecendo. Este tipo de comportamento pode ser classificado como uma “normalidade sofrente”, uma “anestesia psíquica”. Esteve (1987), por sua vez, apontou o fenômeno como um “mecanismo de inibição”, defesa. Neste sentido, Dejours (1993, p.35) reiterou que: “Se o sofrimento não se faz acompanhar de descompensação psicopatológica (ou seja, de uma ruptura do equilíbrio mental que se manifesta pela eclosão de uma doença mental), é porque contra ele o sujeito emprega defesas que lhe permitem controlá-lo”.

Assunção e Oliveira (2009) discutem a intensificação do trabalho docente. Para os autores há um excesso de atribuições e responsabilidades que são “estranhas” às funções docentes, além dos trabalhos extraclasse, estas muitas tarefas que o professor acaba assumindo seriam, na realidade, papel de outras instituições sociais. Estes fenômenos, segundo estes autores, contribuem para a ansiedade do docente, assim este docente não consegue desempenhar sua real função, pois está condicionado a outras atribuições.

Estas situações, também, não permitem aos professores aprimorarem sua prática cotidiana, como o que propõem as pesquisas sobre a função docente. Isabel Alarcão (2003) em seu livro, “Professores reflexivos em uma escola reflexiva”, discute sobre a importância da reflexão da prática pedagógica para se construir uma escola que pensa seus objetivos, suas ações e efeitos sociais. Miguel Arroyo (2000), em seu notável tratado “Ofício de Mestre”, fez importantes considerações sobre esta questão, principalmente, sobre a função docente enquanto um modo de ser-viver.

Paulo Freire (1996) a esse respeito se apoia nas discussões do processo de ensino como uma função difícil que exige segurança e profissionalismo, isto só é possível com reflexão das ações subjetivas e intersubjetivas. Por isso, o autor destacou que ensinar exige pesquisa, desse modo, a reflexão com rigor crítico-intelectual deve ser praticada, constantemente, por aqueles que estão a navegar no oceano da função docente, entretanto, a organização do contexto escolar nem sempre contribui para as necessárias reflexões a respeito da prática docente.

As respostas dos professores, a frequência em cada item demonstrou que não é somente a rotina escolar em *per si* que afeta a saúde docente, mas variáveis externas, que afetam a própria rotina escolar; como a falta de valorização do “trabalho docente”. Neste sentido, a discussão sobre a importância do trabalho e seu poder no processo de realização ou adoecimento do ser humano se faz necessária (ESTEVE, 1987).

Hegel entendia o trabalho como a essência do homem. Para Marx (2004), o trabalho tem dimensão ontológica, sendo uma atividade vital que contribui para a obtenção das características vitais à espécie humana. Por meio deste se manifesta a distinção entre o homem e o animal (OLIVEIRA, 2010). Através do trabalho, o homem cria a realidade, constrói sua sociabilidade. O trabalho, portanto, atua como mediador na formação do ser social, pois interfere diretamente na produção e na evolução da sua mentalidade social (VYGOTSKI, 1991), sendo desta forma, um agente que leva o homem a desenvolver sua humanidade social e realizar suas satisfações produtivas. Assim, toda pessoa que exerce uma função (trabalho) necessita ser reconhecida, valorizada e, principalmente, ganhar o que lhe faz jus.

Deste modo, os aspectos relacionados às políticas públicas para a carreira docente, principais achados da pesquisa, como apontado pelos docentes, exercem fortes influências na dialética carreira, rotina escolar e saúde docente. À medida que se veem desvalorizados pelas políticas que diretamente conduzem, estruturam e direcionam suas carreiras, é intensificada a falta de perspectivas, fortalecendo assim suas frustrações. Tais fatores afetam o estado psicoemocional docente, principalmente, sua autoestima e autoeficácia, o docente passa a acreditar que não faz um bom trabalho.

Com efeito, as respostas dos professores demonstram que as frustrações/desilusões presentes na falta de perspectivas

da carreira docente do Estado de São Paulo são transferidas para a rotina escolar, que por sua vez, sobrecarregada de tais sentimentos, transferem ao professor os aspectos negativos do trabalho, levando-os a sofrerem os efeitos em saúde, principalmente, a saúde mental³.

Em relação aos baixos salários dos docentes, de acordo com Neves e Silva (2006), a desvalorização da imagem do professor e a precarização do trabalho docente é evidenciado ainda mais por este fenômeno. Esta realidade é apontada em outras tantas pesquisas, como, por exemplo, Noronha, Assunção e Oliveira (2008); Lima e Lima-Filho (2009); Brito et al. (2014), que a falta de um plano de carreira digno para a classe docente, os baixos salários e a falta de perspectivas de evolução funcional podem gerar efeitos negativos na rotina dos professores.

Libâneo e Oliveira (1998) e Libâneo (2012) mencionaram que a desvalorização docente, os baixos investimentos educacionais, as estruturas arcaicas, as pressões exercidas pela rotina escolar, a quantidade de alunos em salas de aulas, a falta de tempo para estudos e planejamento das aulas são fatores que têm fortalecido o desgaste da instituição escolar, afetando desta forma, diretamente sua rotina e, conseqüentemente, a identidade docente. Pesquisas como de Barreto (2004); Bueno (2002); Codo (1999); Dejours (1992, 1993); Esteve (1987); Maslach e Leiter (1999); Mendes (2007), entre outros, demonstram que, por conta também deste processo, sérios problemas têm afetado a condição física, afetiva e emocional docente, chegando ao ponto de gerar psicopatologias, como a síndrome *Burnout*.

Dejours (1993) apontou que a rotina coisificada, com suas pressões, afeta e influencia no esvaziamento das relações interpessoais, provocando desmotivação, descrença, desânimo, tensões etc., chegando ao ponto de os professores necessitarem de hospitalizações e licença para tratamento de saúde. Há casos em que são desenvolvidas fobias, gerando no docente desânimo (adoecimento) e até pavor pelo ambiente e rotina escolar. Neste panorama está o fenômeno conhecido como Síndrome de *Burnout*, que é definido como um esgotamento físico e mental, que afeta a realização pessoal. Maslach e Leiter (1999) apontaram que esta síndrome apresenta três características básicas: “exaustão emocional”, “despersonalização” e a “perda da realização pessoal”. Estas adversidades, por sua vez, como resultado têm levado os docentes a não aguentarem as pressões da rotina escolar, sucumbindo ao adoecimento mental. Em função disso, muitos são afastados por recomendações médicas e recebem licenças, sendo readaptados, outros, enfrentam a situação, mesmo sem condições psicológicas, muitos à base de medicamentos, principalmente, de antidepressivos. Parcela significativa não

aguenta, assim, acabam se afastando, outros chegam mesmo a pedir exoneração do cargo.

O defensivo é de suma importância para que a saúde mental não seja atingida de forma mais intensa e, assim, gerar distúrbios mentais. Isto provavelmente mantém, principalmente, os docentes ativos e com ânimo para enfrentarem a dura rotina escolar. Porém, é necessário enfrentar o sofrimento com outros métodos, uma das possibilidades é por meio de “ações coletivas”, não apenas de formas defensivas ou anestésicas. Esteve (1987, p. 12) afirma que, às vezes: “[...] sabemos que algo não vai bem, mas não somos capazes de definir o que não funciona e por que”.

Enfim, os professores demonstraram que a figura docente, sua função social e suas carreiras estão desvalorizadas em vários aspectos: éticos, políticos, sociais, etc., isso, como apontado pelos autores citados, tem afetado diretamente a saúde dos professores e as demais esferas do processo pedagógico, como a rotina escolar.

4 Conclusão

As questões elucidadas, neste estudo, possibilitaram uma base introdutória para refletir sobre a função docente, sua rotina e fatores que contribuem para seu adoecimento, a partir da percepção de um grupo de professores de uma escola de São Paulo.

Observou-se que a principal questão encontrada se refere às políticas públicas, que são definidas para o magistério, como políticas educacionais de valorização do trabalho docente – principalmente, no que se refere aos “baixos salários”. O forte sentimento de frustração, em relação à falta de valorização do magistério, pode contribuir para o descontentamento dos professores em relação a sua carreira, interferindo de maneira significativa na rotina escolar e para o adoecimento mental dos mesmos.

Referências

- ALARCÃO, I. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ASSUNÇÃO, A.Á. OLIVEIRA, D.A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educ. Soc.*, v.30, n.107, p.349-372, 2009.
- ARROYO, M.G. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARRETO, M. Os educadores estão doentes. Quem são os responsáveis? *Inform. Sindicato Munic.s Prof. Ensino Rede Oficial Recife*, 2004.
- BUENO, B.O; LAPO, F.R. A síndrome de burnout e o trabalho docente. *Psicologia*, v.13, n.2, p.21-29/2002.
- BRITO, J.B.R.H.L.C.; NEVES, M.Y.; OLIVEIRA, S.R.L. Saúde, gênero e reconhecimento no trabalho das professoras: convergências e diferenças no Brasil e na França. *Physis*, v.24,

³ Até setembro de 2017, 27 mil docentes paulistas haviam se afastado do trabalho por questões comportamentais. O número de professores afastados por transtornos mentais ou comportamentais nas escolas estaduais de São Paulo quase dobrou em 2016 em relação a 2015: de 25.849 para 50.046. Até setembro de 2017, 27.082 professores haviam se afastado das salas de aulas por problemas principalmente relacionados aos transtornos mentais (<http://www.apeoesp.org.br/noticias/noticias-2017/numero-de-professores-afastados-por-transtornos-em-sp-quase-dobra-em-2016-e-vai-a-50-mil/>)

n.2, p.589-605, 2014.

CODO, W. *Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

DALAGASPERINA, P.; MONTEIRO, J.K. Preditores da síndrome de burnout em docentes do ensino privado. *Psico-USF*, v.19, n.2, p.263-275, 2014.

DEJOURS, C. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez, 1992.

DEJOURS, C. *Psicodinâmica do trabalho: contribuição de escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 1993.

ESTEVE, J. M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru: EDUSC, 1987.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENTILI, P.; SILVA, T.T. *Escola SA*. Brasília: CNTE, 1994.

LIBÂNEO, J.C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educ. Pesqu.*, v.38, n.1, p.13-28, 2012.

LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F. A educação escolar: sociedade contemporânea. *Rev. Fragmentos Cultura*, v.8, n.3, p.597-612, 1998.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

LIMA, M.F.; LIMA-FILHO, D.O. Condições de trabalho e saúde

do/a professor/a universitário/a. *Ciênc. Cognição*, v.14, n.3, p.74-89, 2009.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MASLACH, C.; LEITER, M. P. *Trabalho: fonte de prazer ou desgaste? Guia para vencer o estresse na empresa*. Campinas: Papyrus, 1999.

MENDES, A. M. et al. *Trabalho e saúde: o sujeito entre emancipação e servidão*. Curitiba: Juruá, 2007.

NEVES, M.Y.; SELIGMANN-SILVA, E. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. *Estud. Pesq. Psicol.*, v. 6, n. 1, p. 63-75, 2006.

NORONHA, M.M.B.; ASSUNÇÃO, A.Á.; OLIVEIRA, D.A. O sofrimento no trabalho docente: o caso das professoras da rede pública de Montes Claros, Minas Gerais. *Trab. Educ. Saúde*, v.6, n.1, p.65-86, 2008.

OLIVEIRA, R.A.A. Concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas. *Kínesis*, v.2, p.72-88, 2010.

PATTO, M.H.S. “Escolas cheias, cadeias vazias” nota sobre as raízes ideológicas do pensamento educacional brasileiro. *Estud. Aval.*, v.21, n.61, p.243-266, 2007.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. Comunicado Conjunto CGEB/CGRH. São Paulo: SEE, 2014.

VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1991.